

A RELATIVA RESUMPTIVA EM DOIS MOMENTOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Adriana Stella C. LESSA-DE-OLIVEIRA¹

RESUMO: Este estudo focaliza a mudança no sistema de relativização em PB (português brasileiro) verificada por Tarallo (1983). Com base em investigação empírica, levanto a hipótese de que mudanças ocorridas no sistema pronominal do PB a partir do século XIX atingiram a relativa resumptiva. Em favor dessa hipótese os *corpora* analisados mostram que: a) embora a estratégia resumptiva mantenha uma frequência marginal do século XVIII ao século XX, houve um aumento da frequência dessa estratégia no último século; e b) mudanças no sistema pronominal, em PB, apresentam relação com mudanças encontradas na estratégia resumptiva.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da Linguagem. Mudança Linguística. Português Brasileiro. Relativa Resumptiva. Relativa Cortadora. Teoria Gerativa.

Considerações iniciais

De acordo com Tarallo (1983), além da relativa padrão, definida como estratégia do pronome relativo, exemplo (1), e da estratégia do pronome resumptivo, exemplo (2), verificadas em outras línguas românicas, surgiu em PB, no século XIX, um terceiro tipo de relativa que o autor denominou *cortadora*, exemplo (3).

(1) O rapaz com quem simpatizo é este.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. adriana.lessa.de@uol.com.br, alessa@uesb.br

- (2) O rapaz que eu simpatizo com ele é este.
 (3) O rapaz que eu simpatizo é este.

Segundo o autor, esse processo de mudança do sistema de relativização do PB culminou com a substituição da estratégia padrão pela estratégia cortadora, a qual, na segunda metade do século XIX, já apresentava uma frequência de 59,5%. Tarallo (1983) analisa que a origem dessa nova estratégia tem relação direta com o surgimento de categorias vazias em posição de objeto em PB, constatado no mesmo período.

Interessa a este estudo saber se esse processo de mudança que fez surgir a relativa cortadora em PB atingiu a estratégia não-padrão mais antiga – a relativa resumptiva. Assim, com base em análises de dados dos séculos XVIII, XIX e XX estudados por Tarallo (1983) e de dados de cartas de mercadores do século XVIII, discuto esse fenômeno de mudança a partir de duas hipóteses aqui suscitadas: 1) a mudança no sistema de relativização em PB inclui a estratégia resumptiva, que altera sua estrutura subjacente; e 2) a mudança da relativa resumptiva partiu da associação dessa estratégia com a estratégia emergente – a relativa cortadora.

A estrutura das relativas em PB

Hipótese do movimento-*wh* vs. apagamento

Para Tarallo (1983), as estratégias de relativização padrão e não-padrão consistem em dois processos: a) de movimento, no caso da relativa padrão; e b) de apagamento, no caso das não-padrão. O autor explica que a estratégia padrão requer um movimento do NP-*wh* para COMP, deixando uma categoria vazia na cláusula encaixada (figura 1). Para o segundo processo, Tarallo (1983) apresenta três tipos de estruturas: a) a *estratégia resumptiva*, que não requer movimento-*wh*, apresentando um complementizador *que* em COMP e um pronome resumptivo, em vez da categoria vazia (figura 2a); b) a *estratégia gap-leaving*, específica das relativas de sujeito e objeto direto, na qual o COMP é [-*wh*] e a categoria vazia não deriva de movimento-*wh* (figura 2b); e c) a *estratégia cortadora (PP-chopping)*, que também apresenta um *que* complementizador, não apresenta pronome resumptivo e tem a preposição apagada na cláusula encaixada (figura 2c).

Figura 1:

The Standard
Variant

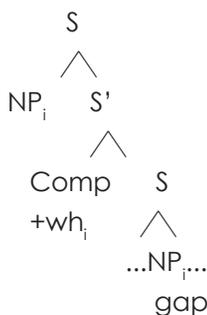


Figura 2a:

The Resumptive
Pronoun Variant

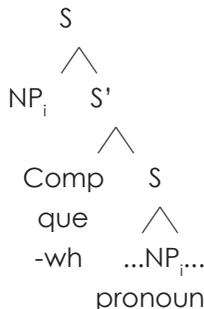


Figura 2b:

The Gap-Leaving
Variant

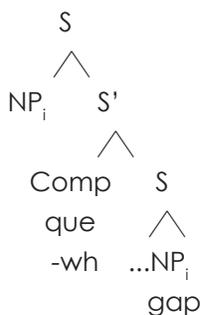
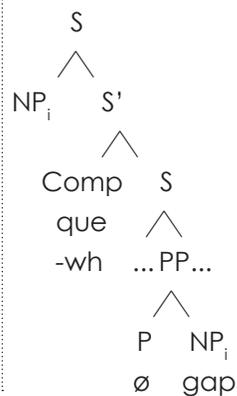


Figura 2c:

The PP-Chopping
Variant



(TARALLO, 1983, p. 45-48)

Hipótese do movimento-*wh* vs. apagamento baseada no modelo *raising*

A proposta de Kenedy (2002) para a estrutura das relativas não-padrão em PB está diretamente ligada à restrição a *prepositional-stranding*, que existe em português e demais línguas românicas. Estabelecendo uma relação entre esse fenômeno e um suposto corte da preposição nas relativas cortadoras, o autor toma por base a hipótese do núcleo [P+D] (formulada por SALLES, 1997, 1999) para explicar a estrutura das resumptivas e cortadoras em PB. De acordo com essa hipótese, em línguas de *pied-piping* obrigatório (como o português, que faz comumente contração entre preposição e determinante), a preposição e o DP são movidos juntos. Nessas línguas ocorreria um complexo [P+D] (conjunto de traços ϕ para KENEDY, 2002), que se comporta como uma unidade sintática formada pela incorporação em P dos traços ϕ marcados em D.

Segundo o autor, na relativização em línguas como o português, a operação de movimento reconhece em [P+D] um constituinte único que deverá ser deslocado integralmente, resultando no *pied-piping* da preposição. Então, assumindo a hipótese de relativização por alçamento de Kayne (1994),²

² Com Kayne (1994) é retomado um tipo de análise em que se concebe que o sintagma alvo da relativização é um constituinte alçado do CP relativo. De acordo com o modelo proposto por ele, conhecido como *raising analysis* (análise por alçamento), os DPs podem selecionar como seu complemento

Kenedy (2002) propõe que a estrutura da relativa *pied-piping* em PB é o que se apresenta em (4) abaixo.

(4) [a [_{CP} [pessoa [_{P+D} com quem]]_i [_{IP} você falou t_i]]] (KENEDY, 2002, p. 15)

Para o caso das relativas não-padrão em PB, o autor assume a estrutura das relativas-*that*, nos termos de Kayne (1994), e propõe que a estratégia resumptiva teria uma estrutura como em (5a) e a estratégia cortadora uma estrutura com em (5b). No caso da cortadora, o autor argumenta que, dada a unidade de traços do núcleo [P+D], o apagamento da cópia do DP torna obrigatório o apagamento também da preposição em PF.

(5) a. [_{DP} a [_{CP} [_{DP} moça]_i [_C que [_{IP} eu falei [_{PP} com [_{DP} ela]_i]]]]]]]
 b. [_{DP} a [_{CP} [_{DP} moça]_i [_C que [_{IP} eu falei [_{PP} com [_{DP} ~~t_i~~ moça]_i]]]]]]]]]
 (adaptado de KENEDY, 2002, p 131-132)

A hipótese do movimento-*wh* para as três estratégias

Diferentemente do que propõem Tarallo (1983) e Kenedy (2002), para Kato (1993), o processo que subjaz aos três tipos de estratégias de relativização em PB é sintaticamente o mesmo. Para a autora, há nos três casos a ligação do operador relativo-*wh* a uma posição vazia *v* – variável – na sentença.

um CP. Para o autor, a estrutura da relativa seria [_{DP} D⁰ CP], a única compatível com o LCA (*Axioma de Correspondência Linear*). Assim, de acordo com essa proposta, os três tipos de relativas do inglês são derivados a partir do alçamento para o domínio de checagem de C de: a) um NP nas relativas-*that*; b) um DP nas relativas-*wh*; ou c) um PP nas relativas *pied-piping* (cf. estruturas em (ib), (iib) e (iiib), respectivamente). No caso das relativas-*wh* e das relativas com *pied-piping*, há previsão de mais alçamento: o NP incluído no DP movido é alçado para o SpecDP, no caso das relativas-*wh*; e, no caso das relativas com *pied-piping*, esse NP é alçado para o SpecPP, via Spec do DP-*wh*, provavelmente, segundo o autor.

(i) Relativas-*that*:

a. The picture that Bill saw.

b. [_{DP} the [_{CP} picture_i [_C that [_{IP} Bill saw t_i]]]]

(ii) Relativas-*wh*:

a. The picture which Bill saw.

b. [_{DP} the [_{CP} [_{DP} picture_j [_D which t_j]]_i [_C⁰ [_{IP} Bill saw t_i]]]]

(iii) Relativas *pied-piping*:

a. The hammer with which Bill broke it.

b. [_{DP} the [_{CP} [_{PP} hammer_j [_P whith [_{DP} (t_j) which t_j]]]_i [_C⁰ [_{IP} he broke it e_i]]]]]

(adaptado de KAYNE 1994, p. 87-89)

Assim, a autora defende que a diferença entre as estratégias resumptiva e cortadora de um lado e a padrão, de outro, não tem a ver com a natureza categorial do COMP, mas com a posição da variável, que está fora do IP, no caso das primeiras, e dentro, no caso da última. Estas duas posições são universalmente disponíveis, pois a GU (Gramática Universal) permite que o operador relativo-wh esteja ligado a elementos que se encontram no interior de IP e fora dele, em deslocamento à esquerda (comumente referido como tópico).

Assim, a autora postula que: a) nas três estratégias, o item lexical *que* é um pronome relativo, extraído de uma posição não-canônica; b) a posição da variável presa a este pronome é de deslocamento à esquerda (*Left Dislocation* = LD), gerado na base; e c) o pronome resumptivo é co-referente à variável em LD.

(6) a. A moça (_{CP} com quem_i (_{IP} eu falei (_{PP} t_i) ontem).

b. A moça (_{CP} que_i ((_{LD} t_i) (eu falei com ela_i) ontem). (KATO, 1993, p.227)

Segundo Kato, em (6a) a relativização opera diretamente sobre o objeto do verbo, enquanto que em (6b) o que é relativizado é o NP na posição de LD. O pronome relativo *que* (de acordo com a classificação da autora) é ligado ao vestígio em LD, que é co-referente ao pronome pessoal *ela* dentro do IP.

As relativas de LD do PB em uma proposta de *Raising analysis*

A proposta de Kato (1993) é revista por Kato e Nunes (2009), que propõem uma análise por alçamento para as relativas não-padrão em PB, associando essa hipótese à estrutura [D⁰ CP] proposta por Kayne (1994) para as relativas. Os autores assumem que todas as relativas restritivas em português brasileiro apresentam um determinante *que* relativo (homófono ao complementizador declarativo) em lugar de um complementizador, conforme o sistema de Kayne (1994) para as relativas-wh.

Assim, de acordo com Kato e Nunes (2009), um DP encabeçado pelo determinante relativo pode ser gerado na posição LD. Depois de concatenado na posição de LD, esse DP é alçado e adjungido a CP e seu complemento alçado e adjungido a DP. Sob esta análise, as derivações de relativas padrão e não-padrão são como se exemplificam em (7), (8) e (9):

(7) *Relativas padrão:*

- a. [aquela [_{CP} [_{LD_P} pessoa_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{IP} t_k comprou o livro]]]]]
 b. [o [_{CP} [_{LD_P} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{IP} aquela pessoa comprou t_k]]]]]
 c. [o [_{CP} [_{LD_P} livro_i [_{DP} de [_{LD_P} t_i [_{DP} que t_i]]]]]_k [_{CP} C [_{IP} você precisa t_k]]]]]

(8) *Relativas não-padrão com resumptivo foneticamente realizado:*

- a. Eu tenho [uma [_{CP} [_{LD_P} amiga_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} ela_i é muito engraçada]]]]]
 b. Este é [o [_{CP} [_{LD_P} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} o João sempre cita ele_k]]]]]
 c. Este é [o [_{CP} [_{LD_P} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} você vai precisar dele_k amanhã]]]]]

(9) *Relativas não-padrão com resumptivo nulo:*

- a. Este é [o [_{CP} [_{LD_P} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} eu entrevistei a pessoa que escreveu pro_k]]]]]
 b. Este é [o [_{CP} [_{LD_P} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} você estava precisando pro_k]]]]]

(KATO; NUNES, 2009, p.114)

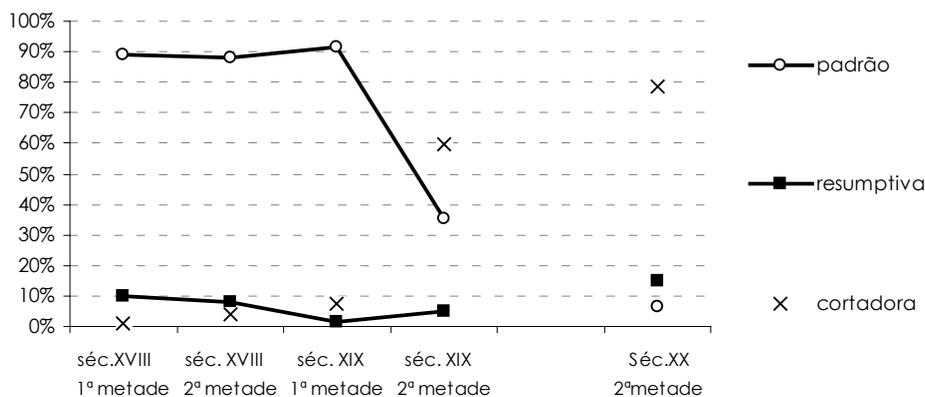
Mudança da relativa resumptiva em PB**Indícios gerais da mudança**

O gráfico a seguir traz dados do século XX, além dos dados dos dois séculos anteriores. Os dados do século XX comparados aos dados da segunda metade do século XIX mostram que o processo de mudança do sistema de relativização em PB continuou avançado nesse período.³

3 O gráfico 1 é uma adaptação de gráfico apresentado por Tarallo (1983, p. 207). Como não se tinha acesso a dados da primeira metade do século XX, foram considerados apenas os dados da segunda metade desse século, o que não inviabiliza a análise proposta.

Planilha do gráfico 1	séc. XVIII		séc. XVIII		séc. XIX		séc. XIX		séc. XX	
	1ª metade		2ª metade		1ª metade		2ª metade		2ª metade	
padrão	99	89,2%	89	88,1%	73	91,3%	63	35,4%	21	6,5%
não-padrão resumptiva	11	9,9%	8	7,9%	1	1,3%	9	5,1%	49	15,1%
não-padrão cortadora	1	0,9%	4	4,0%	6	7,5%	106	59,5%	254	78,4%
total	111	100%	101	100%	80	100%	178	100%	324	100%

Gráfico 1. Frequência das estratégias de relativização em PB nas funções de OI, Obl e G, do século XVIII ao século XX



Como se pode observar no gráfico 1, a substituição, em PB, da relativa padrão pela relativa cortadora (ou com resumptivo nulo), que ocorreu marcadamente a partir do século XIX é intensificada no século XX, enquanto que a relativa resumptiva (ou com resumptivo realizado) permanece como uma estrutura marginal ao longo dos três séculos. Essa frequência marginal da relativa resumptiva durante um período considerável pode indicar que essa estratégia teve e continua tendo um papel específico. Tarallo (1983) propõe que não haveria diferença entre as línguas, de modo geral, em relação à existência ou não dessa estratégia, mas apenas em relação à quantidade e produtividade; e que, em muitas línguas, como o inglês, por exemplo, essa estratégia seria utilizada apenas como último recurso.

É interessante observar, nesse gráfico, que a estratégia resumptiva, que tinha uma frequência próxima aos 10% no século XVIII, caiu para 1,3% na primeira metade do século XIX, para depois voltar a aumentar. Nesse período, a estratégia cortadora supera a estratégia resumptiva, enquanto a padrão se mantém absoluta, chegando até a apresentar um aumento de três pontos percentuais, ultrapassando os 91%. Somente na segunda metade de século XIX é que a relativa cortadora assume a competição com a padrão, superando-a. Ou seja, a estratégia resumptiva parece ter passado por uma crise na primeira metade do século XIX. Talvez, esse tenha sido o período em que uma mudança tenha ocorrido também com essa estratégia. A hipótese suscitada neste estudo é que a relativa resumptiva passou da estratégia sem LD para a estratégia com LD, a partir desse período.

Evidências da mudança da relativa resumptiva e as relações deste fenômeno com mudanças no sistema pronominal

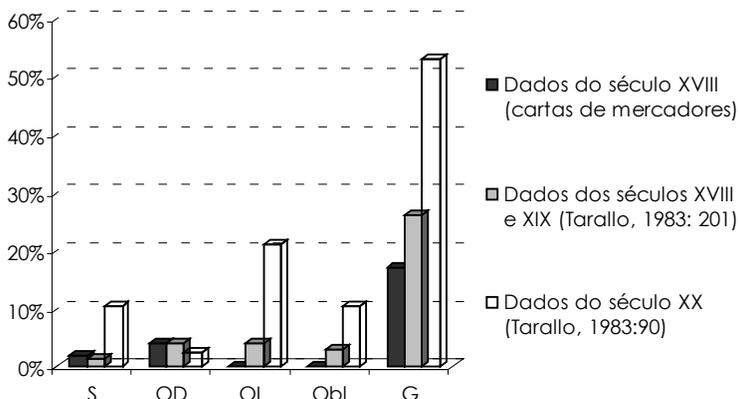
Os dados investigados por Tarallo (1983) são comparados, neste estudo, a dados extraídos de *cartas de mercadores do século XVIII*. Este *corpus* reúne 93 cartas, sendo 23 delas cópias das demais. O período de produção das cartas de mercadores corresponde ao segundo período (segunda metade do século XVIII) dos dados de Tarallo (1983), com uma diferença de, mais ou menos, uma década.

A escolha desse *corpus* neste estudo se fundamentou, principalmente, no fato de se tratar de um tipo de escrita que se aproxima muito do que provavelmente era a oralidade na época, pois marcas grafo-fonéticas como a oscilação entre e <v>, por exemplo, em *travalho* por *trabalho* e *save* por *sabe*, ou entre <e> e <a> em *tenho* e *tanho*, *generos* e *genaros* etc. revelam um redator que deixa transparecer, na escrita, variações fonéticas. Além disso, os textos assemelham-se a um fluxo de fala contínuo, em que os limites dos períodos são tênues e, muitas vezes, quase impossíveis de serem estabelecidos, como ocorre com a oralidade. Sabemos que o ensino não era de amplo acesso no século XVIII, o que indica que as características orais nesses textos escritos podem estar relacionadas a um baixo nível de escolaridade de seus redatores.

Recolhi nessas cartas 519 cláusulas relativas, das quais 12 (2,3 %) são resumptivas. Esse percentual de resumptivas é ligeiramente menor do que o percentual encontrado por Tarallo (3,0%) nos *corpora* que investigou. Quanto às cortadoras, nenhuma foi encontrada entre as relativas recolhidas. Construo abaixo um gráfico que representa a frequência de relativas resumptivas em cada uma das funções sintáticas do termo relativizado (S - sujeito, OD - objeto direto, OI - objeto indireto, Obl - objeto oblíquo, G - genitivo) nos três *corpora* analisados: *corpus de cartas de mercadores do século XVIII*, investigado neste estudo; *corpora dos séculos XVIII e XIX*, investigados por Tarallo (1983); e *corpus do século XX*, também investigados por Tarallo (1983).⁴

4 Os *corpora* dos séculos XVIII e XIX constituem-se de cartas e peças teatrais, originárias de diversas regiões do Brasil, escritas entre 1725 e 1880, nas quais foram encontradas 1.579 cláusulas relativas. Já o *corpus* do século XX se constitui de 45h de entrevistas, com 40 informantes da cidade de São Paulo, nos quais foram encontradas 1.700 cláusulas relativas, sendo 162 (9,4 %) delas relativas resumptivas.

Gráfico 2. Frequência das relativas resumptivas por posição sintática



Deixando de lado certo risco de imprecisão pelo fato de os dados dos séculos XVIII e XIX não serem exatamente dados orais, como os do século XX⁵, podemos fazer as seguintes observações por meio do gráfico⁶ 2: a) a posição de G é a que apresenta os maiores percentuais de pronome resumptivo realizado em relativas tanto nos dados dos séculos XVIII e XIX quanto nos dados do século XX; b) nos dados do século XX, a posição de OI se destaca como a segunda que apresenta maior percentual de pronome resumptivo realizado em relativas e a posição de OD como a que apresenta o menor percentual; c) há um aumento da ocorrência de relativas resumptivas nos dados do século XX em todas as posições, com exceção da posição de OD, que apresenta um índice inferior ao dos dados dos dois séculos anteriores; e d) o

5 Vale ressaltar que Tarallo (1983) objetivou construir os *corpora* dos séculos XVIII e XIX o mais próximo possível da produção oral, daí a escolha de cartas e peças teatrais.

6 Os valores apresentados nesse gráfico correspondem à frequência das resumptivas em cada posição sintática, pois o que está sendo considerado é a possibilidade de ocorrência ou não de uma resumptiva nessas posições. Na planilha abaixo as letras (RR) representam as relativas resumptivas.

Planilha do gráfico 2	sujeito			obj. direto			obj. indireto			obj. oblíquo			genitivo		
	RR	ge- ral	R F %	RR	ge- ral	RF %	RR	ge- ral	R F %	RR	ge- ral	R F %	RR	ge- ral	R F %
Dados do século XVIII (cartas de mercadores)	2	106	2	6	157	4	0	25	0	0	51	0	4	23	17
Dados dos séculos XVIII e XIX (TARALLO, 1983, p. 201)	10	693	1,4	17	416	4,1	3	79	4	10	330	3	16	61	26,2
Dados do século XX (TARALLO, 1983, p. 90)	103	992	10,4	10	384	2,6	16	76	21,1	24	231	10,4	9	17	52,9

maior aumento de frequência de pronome resumptivo realizado em relativas ocorreu nas posições de OI e G.

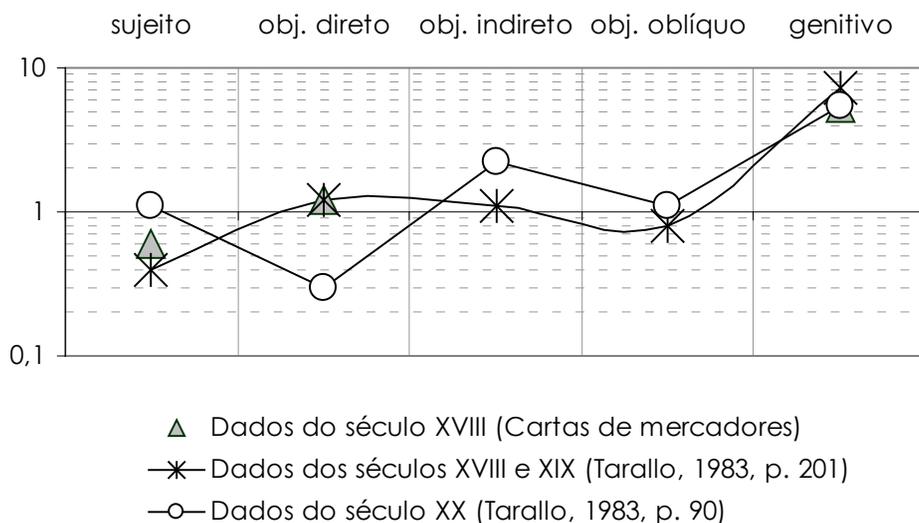
Em outras palavras, de modo geral, a frequência das relativas resumptivas aumentou nos dados do século XX em relação a todas as posições, com exceção da posição de OD, que, pelo contrário, diminuiu (reduziu de 4,1% para 2,6%). Temos aqui certamente um indício de que houve uma alteração no comportamento da relativa resumptiva, do século XIX para o XX.

O gráfico logarítmico a seguir ajuda a refinar a análise acima. Através deste gráfico, podemos observar, em cada *corpus*, se as relativas resumptivas (de S, OD, OI, Obl e G) foram, proporcionalmente, mais ou menos frequentes que as relativas em geral. Considerando o posicionamento dos símbolos – triângulo, círculo e asterisco – localizados acima ou abaixo do eixo de valor 1 (no gráfico 3 abaixo), podemos ler que a realização da relativa resumptiva é favorecida ou desfavorecida, respectivamente, na posição sintática em questão. E, pela distância que esses símbolos apresentam em relação a esse eixo, podemos verificar a intensidade do (des)favorecimento desse tipo de relativa, em relação a cada posição sintática. Quanto mais os referidos símbolos se afastam do eixo 1, a intensidade do (des)favorecimento aumenta.⁷

7 Os dados da planilha abaixo correspondem à razão entre a frequência das relativas resumptivas em cada posição sintática e a frequência geral das relativas em cada uma dessas posições. Na planilha abaixo, as letras (RR) representam as relativas resumptivas.

Planilha do gráfico 3	sujeito			obj. direto			obj. indireto			obj. oblíquo			genitivo		
	RR %	ge-ral %	ra-zão	RR %	ge-ral %	ra-zão	RR %	ge-ral %	ra-zão	RR %	ge-ral %	ra-zão	RR %	ge-ral %	ra-zão
Dados do século XVIII (cartas de mercadores)	16,7	29,3	0,6	50	43,3	1,2	0	6,9	0	0	14,1	0	33,3	6,4	5,3
Dados dos séculos XVIII e XIX (TARALLO, 1983, p. 201)	17,8	43,9	0,4	30,4	26,3	1,2	5,4	5	1,1	17,8	20,9	0,8	28,6	3,9	7,3
Dados do século XX (TARALLO, 1983, p. 90)	63,6	58,3	1,1	6,2	22,6	0,3	9,9	4,5	2,2	14,8	13,6	1,1	5,5	1	5,5

Gráfico 3. Frequência proporcional de relativas resumptivas de acordo com a função sintática do termo relativizado



Esse gráfico mostra que, dentre as posições sintáticas do termo relativizado, a que mais favoreceu o aparecimento do pronome resumptivo, tanto nos dados dos séculos XVIII e XIX quanto nos dados do século XX, foi a posição de G. Porém, a semelhança entre os dados do século XX e os dados dos dois séculos anteriores para por aí. Nos dados do século XX, as posições preposicionais, de modo geral, favorecem a ocorrência da relativa resumptiva, enquanto que nos dados dos séculos XVIII e XIX as posições de OI e Obl ou favorecem pouco, como é o caso da primeira, ou não favorecem, como é o caso da segunda. Nas cartas de mercadores, relativas resumptivas nessas duas funções sequer aparecem. E as funções de G e de OI são as mais favorecedoras a ocorrências de relativas resumptivas nos dados do século XX.

Entre as posições não-preposicionais a situação se inverte. A posição de OD aparece como a segunda que mais favorece relativas resumptivas nos dados dos séculos XVIII e XIX, tanto nas cartas de mercadores quanto no *corpus* coletado por Tarallo (1983). Nos dados do século XX, a frequência de relativas resumptivas diminuiu drasticamente nessa posição, passando a posição de OD a ser, inclusive, a única posição sintática que não favorece a ocorrência de relativas resumptivas

em PB contemporâneo. Já a posição de S apresentou-se como favorecedora à ocorrência de relativas resumptivas nos dados do século XX, em contraste com os dados dos dois séculos anteriores, nos quais a relativa resumptiva apresenta-se como desfavorecida nessa posição. Abaixo estão exemplos de relativas resumptivas de S encontradas nas cartas de mercadores.

(10) a. Ahi vay **oVendedor**, Antonio Rodriguiz [que **ele** lhedira o meu modo deviver]...

(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/82)

b. Ahi lhe Remeti eses Conhicimentos e **Facturas**, [que **elas** Rezão [para Vossa Mercê fazer [oque bem quizer do Algodão e das 3 Caixas de Asucar]]] ...

(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/69)

Tarallo (1983) não aponta a posição de sujeito como favorecedora da relativa resumptiva em PB contemporâneo. Entretanto, de acordo com os dados de Mollica (2003) (que utiliza método de coleta e análise de dados diferente do método desse autor), a partir do ensino médio, os falantes só empregam resumptivos com função de sujeito. E a única relativa resumptiva que aparece em *corpora* (em narrativas orais e escritas de informantes não escolarizados e com diversos níveis de escolaridade) investigados por Corrêa (1998, p. 74,79) é uma relativa de sujeito.

Esses dois gráficos demonstram em resumo que: a) houve uma inversão entre as posições de OD e S em relação ao favorecimento da relativa resumptiva; e b) as posições de G e OI foram as que apresentaram maiores índices de aumento de frequência de relativas resumptivas, assumindo essas duas posições o posto de as mais favorecedoras da estratégia de relativização resumptiva em PB contemporâneo. Podemos estabelecer um paralelo entre esses fatos e determinadas mudanças no sistema pronominal do PB, amplamente debatidas na literatura.

Kato (2002) propõe que a mudança no sistema pronominal do PB teria provocado três grandes alterações: a) criou-se em PB um paradigma de pronomes fracos quase homófonos ao de pronomes fortes; b) para a 3ª pessoa o PB perdeu o clítico (forma fraca acusativa); e c) também para a 3ª pessoa o PB vem perdendo a flexão de concordância (forma fraca nominativa). Podemos dizer que essas mu-

danças gerais reúnem os diversos aspectos de alteração do sistema pronominal do PB que vêm sendo pontuados, há certo tempo, por vários autores.

Segundo Galves (1986, p.74), o objeto nulo é extremamente frequente, não apenas na língua oral, mas também na língua escrita. Por outro lado, em PB contemporâneo, o pronome *ele* sujeito, sem valor particular, é utilizado de preferência ao sujeito nulo (ver Galves, 1989, p. 52). Assim, uma explicação possível para a inversão entre as funções de OD e S no favorecimento da relativa resumptiva seria, não coincidentemente, a modificação no sistema pronominal do PB que teria resultado num crescente preenchimento fonético do sujeito (reflexo da perda da flexão de concordância) e um crescente não preenchimento fonético do objeto (aparecimento do objeto *nulo referencial*), desembocando num quadro inverso ao que ocorria no PB dos séculos XVIII e XIX. Ou seja, assim como o aparecimento da relativa cortadora pode estar associado ao fenômeno de surgimento de objetos nulos em PB, conforme propõe Tarallo (1983), avalio que o aumento do favorecimento da relativa resumptiva de sujeito pode estar associado ao crescente preenchimento do sujeito.

Além disso, podemos observar que, nas relativas resumptivas recolhidas nas cartas de mercadores do século XVIII, o pronome resumptivo que aparece na posição de OD é o clítico *-o* (cf. exemplos de (11) a (16) abaixo). Em PB contemporâneo, o pronome que aparece como resumptivo é, como atesta Galves (1989, p. 55) e outros autores, o pronome tônico *ele*. O uso do clítico *-o* como resumptivo está completamente fora de cogitação em PB contemporâneo, inclusive na escrita.

(11) ...nacharua Aguia Vão **28 Sacas eObrigado deArros**, [que **os**,_ileva o contra mestre no seu rancho - com amarca “2”].

(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/155)

(12) Pella Factura enCluza Vera Vossa mercê eu ter Carregado abordo daCharua Nova Cappitam Joze da Trindade Caruon e 40 Sacas Com 198 arrobas 11 {M} de **Arros emSacado**,_i Emportando em 129 \$ 552 réis [que Vossa Mercê **o**,_i Vendera pello melhor preço]

(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/157)

(13) Esta vai no **Paquete dasCartas**,_i [que [sedis] **o**,_ifazem sahir dous dias atrás denossa sahida]

(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/412)

- (14) Terá abondade dizer o Senhor Alexandre Jorge Garreiro que o seu dinheiro foi impregado em **assucar**, [que o_imeti em Caixas de fixadura em O Navio Santo Estevão;]
(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/412)
- (15) ...odito de Clarara no **seu testamento**, [qual⁸ não tive a Cruzidade de O_i Ver,]...minúscula
(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/441 e 442)
- (16) esó me falta para o inteiro complemento, e3 pipas de **Vinho**, [que pela muita abondancia não o_iquerem comprar;]...
(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/295)

Também verificamos uma diferença em relação à relativa resumptiva de G. Nas cartas de mercadores, a relativa resumptiva de G é construída com o pronome possessivo *seu* (cf. exemplos de (17) a (20) abaixo), enquanto que a relativa resumptiva de G em PB contemporâneo, como sabemos, é construída com *preposição + pronome resumptivo*, formando o PP *dele*. De acordo com Cerqueira (1993, p.152), o uso quase categórico da forma *dele* em lugar de *seu* na indicação de posse reflete uma mudança no sistema flexional do PB.

- (17) ...O Meu Mano e Senhor **as Minhas ultimas**, avossa merce forão em 30 de Dezembro do Anno pasado [que os **seus**, Contheudo lhe Confirmo,] ...
(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/236)
- (18) Mano e Senhor **As minhas ultimas**, AVossa Merce forão em O 1º do Corrente [Que os **Seus**, Contheudos lhe Confirmo]...
(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/240)
- (19) ...em virtude dellas Receby Conhecimento e Factura do **Carregado**, de Sua Conta na Gallera Tentativa Cappitam João Xavier Antunes no vallor de 631:990 [que fico delijenciando **asua**, venda,]...
(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/130)
- (20) **Aminha ultima**, aVossa merce foy em 30 de Dezembro [que o **Seu**, Contheudo lhe Confirmo]
(Biblioteca Nacional de Lisboa - mss. 224/249)

⁸ Neste caso, *qual* está sendo analisado como *que*.

No PB do século XX, também não encontramos mais o clítico *-lhe* nas resumptivas de OI. De acordo com Galves (1997, p. 155), o clítico de 3ª pessoa é muito raro, e o *lhe* é utilizado, praticamente, apenas como correspondente a *você*, ou seja, na 2ª pessoa do discurso⁹. Dessa maneira, semelhantemente à relativa resumptiva de G, a relativa resumptiva de OI passou a ter um PP na função de pronome lembrete. Assim, não deve ter sido por acaso que as relativas resumptivas nessas duas posições apresentaram o maior índice de aumento de frequência, destacando-se essas posições como as grandes favorecedoras da relativa resumptiva. Ou seja, esses dados mostram uma assimilação do padrão oblíquo.

Esses dados corroboram a hipótese número 1 deste estudo, isto é, esses dados estão indicando que o fenômeno de mudança no sistema de relativização do PB, que fez surgir a cortadora e promoveu a substituição da estratégia padrão por esta estratégia, atingiu a relativa resumptiva. De acordo com essa ideia, a relativa resumptiva de agora não tem a mesma estrutura que subjazia à relativa resumptiva do PB até a primeira metade do século XIX.

Há um contraste entre as propostas de Kato (1993) e Kato e Nunes (2009), por um lado, e de Tarallo (1983) e Kenedy (2002), por outro. Podemos identificar duas gramáticas diferentes nessas propostas: uma na qual está presente a estrutura de LD, a dos primeiros, e outra na qual essa estrutura não existe, ou não é relevante para a relativização, a dos últimos. Podemos considerar que essas duas gramáticas possam se constituir em dois momentos históricos do PB. O momento atual do PB é o de uma língua com proeminência de *tópico e sujeito*.¹⁰

Como explicar o aumento da frequência de relativas resumptivas?

Pela proposta de Tarallo (1983), a mudança da relativização em PB circunscreve-se a uma mudança que ocorre na estrutura da relativa resumptiva, na qual os resumptivos passam a ser opcionalmente apagados, juntamente com a preposição no caso das relativas preposicionais. Também pela proposta de Kenedy (2002), a relativa cortadora se constitui a partir de uma estrutura como a da relativa resumptiva, apagando-se a cópia mais baixa. A previsão

⁹ Exemplo: Eu *lhe* disse que seria assim (=Eu *te* disse que seria assim).

¹⁰ Para discussão sobre tipologia das línguas veja Li e Thompson (1976).

que se pode fazer a partir dessas propostas seria de diminuição da frequência de relativas resumptivas, uma vez que passa a existir a possibilidade de apagamento desse resumptivo, mantendo-se a mesma estrutura. Entretanto, tal previsão contraria o que observamos nos *corpora*. Assim, por essas duas propostas fica difícil explicar o aumento, de modo geral, da frequência de relativas resumptivas observado nos dados.

Os dados que analisamos acima confirmam a relação não só entre as mudanças no sistema pronominal e o surgimento da relativa cortadora como também entre as mudanças no sistema pronominal e mudanças no comportamento da relativa resumptiva, conforme hipótese aqui defendida.

A relação entre essas mudanças é clara para as relativas preposicionais e para a de OD, uma vez que o PB passou a admitir um resumptivo nulo nessas posições. Com relação à relativa de S não se tem, todavia, essa clareza. Vários estudos têm demonstrado que em português brasileiro não há resumptivos nulos em posição de S (FIGUEIREDO SILVA, 1996; FERREIRA, 2000). Como se observa em (21), se a categoria vazia não pode ocorrer em contexto de ilha, está envolvida, nesse caso, uma operação de movimento.

(21) esse é [o funcionário]_i que o gerente elogiou a decoração que ele/_i *Ø_i fez

Kato e Nunes (2009) argumentam que, uma vez que se verifica, através de configurações de ilha, a impossibilidade da existência de um pronome nulo em posição de sujeito, sentenças como (22a) só podem ser derivadas pela estratégia padrão (cf.(22b)).

(22) a. a pessoa que Ø comprou o livro (KATO; NUNES, 2009, p.109)
 b. [_{DP} a [_{CP} [_{DP} pessoa_k [_{DP} que t_k]]_i [_{CP} C⁰ [_{IP} t_i comprou o livro]]]]

Pelo que se vê, não podemos pensar em uma operação de apagamento para as relativas de S, pois a categoria vazia nesse caso é um vestígio de movimento. Entretanto, verificamos no gráfico 3 que a mudança no sistema de relativização em PB do século XVIII para o XX implicou uma drástica mudança no comportamento das relativas de S e OD, as quais inverteram suas posições quanto ao favorecimento da estratégia resumptiva. A ocorrência de pronome resumptivo em posição de S passou de desfavorecida a favorecida, enquanto ocorrência de pronome resumptivo em posição de OD fez o caminho oposto.

Se a mudança na relativização em PB está, de fato, relacionada à mudança no sistema pronominal, como as alterações desse sistema podem ter atingido a relativa resumptiva de S, cujo resumptivo não é substituído por uma categoria vazia do tipo *pro*? Em outras palavras, como a relativa resumptiva de S passou a ser mais frequente sem o envolvimento de um tipo de mudança pronominal relacionada a S, como a *perda do sujeito nulo*, por exemplo?

Vamos analisar essa questão considerando que a possibilidade de a construção de tópico estar na base de, pelo menos, algumas das relativas de sujeito (sem resumptivo realizado) não está descartada com a inexistência de resumptivo nulo em relativas de sujeito. Assim, para a relativa em (23) temos duas possibilidades de estrutura subjacente. Se essa relativa estiver associada à sentença em (24a), ela terá a estrutura da relativa padrão em (24b) como estrutura subjacente.

(23) Essa música que todo mundo está dizendo que vai fazer sucesso ...

(24) a. Todo mundo está dizendo que essa música vai fazer sucesso.

b. $[_{DP} \text{essa} [_{CP} [_{DP} \text{música}_n [_{DP} \text{que } t_n]]_i] [_{CP} C [_{IP} \text{todo mundo está dizendo} [_{CP} \text{que} [_{IP} t_i \text{ vai fazer sucesso}]]]]]]] \dots$

Mas, ao lado dessa possibilidade figura a possibilidade dessa relativa estar associada à estrutura de tópico em (25a), perfeitamente aceitável em PB. Nesse caso, a relativa em (23) teria a estrutura em (25b). A diferença entre essa estrutura e a estrutura da relativa não-padrão cortadora proposta por Kato e Nunes (2009) está no fato de que não se tem em (25b) um resumptivo nulo. O que ocorreria, nesse caso, seria um movimento do termo topicalizado da posição de S para a posição de tópico, de onde esse item seria extraído no processo de relativização.¹¹

(25) a. essa música_i , todo mundo está dizendo que t_i vai fazer sucesso.

b. $[_{DP} \text{essa} [_{CP} [_{DP} \text{música}_n [_{DP} \text{que } t_n]]_i] [_{CP} C [_{Top} t_i] [_{IP} \text{todo mundo está dizendo} [_{CP} \text{que} [_{IP} t_i \text{ vai fazer sucesso}]]]]]]] \dots$

11 Ross (1967) opõe construções de LD, identificada pela presença de um resumptivo (cf. (i)), a construções de tópico, em que ocorre uma categoria vazia (cf. (ii)). Como em PB o resumptivo pode ser nulo, essa distinção nem sempre é possível, segundo Pontes (1987) (cf. (iii)).

(i) (*As for*) John_i , I saw him_i yesterday.

(ii) Beans_i . I don't like \emptyset_i . (apud KATO, 1993, p. 229)

(iii) Cerveja, eu gosto *pro*/ t .

Assim como ocorre com as construções de tópico, na posição de sujeito no IP da relativa, pode haver um vestígio de movimento, como em (25b), ou um pronome resumptivo, como em (26). Neste caso, temos a relativa resumptiva.

- (26) [_{DP} essa [_{CP} [_{DP} música_n [_{DP} que t_n]]]_i [_{CP} C [_{Top} t_i [_{IP} todo mundo está dizendo [_{CP} que [_{IP} **ela**_i vai fazer sucesso]]]]]]]] ...

Dessa maneira, o aumento da frequência de relativas resumptivas em posição de sujeito pode ser justificado se consideramos a hipótese número 1 deste estudo. Ou seja, se consideramos que a mudança no sistema de relativização em PB alterou a estrutura subjacente da relativa resumptiva, passando esta de uma estrutura sem envolvimento de LD para uma estrutura com base na construção de LD (cf. (8)) ou na construção de tópico, como em (26). Assim, na perspectiva dessa análise, o aumento da frequência de relativas resumptivas está associado ao fato de o PB contemporâneo ser uma língua com proeminência de *tópico e sujeito*, o que levaria naturalmente a relativa com estrutura de tópico a ser mais frequente, como se observa nos dados.

Então, pela presente análise, a relativa resumptiva em PB teve um tipo de estrutura até a segunda metade de século XIX – uma estrutura sem LD ou tópico – e, a partir desse período, mudou essa estrutura para a construção de LD, no caso das relativas de OD, OI, Obl e G, e para a construção de tópico no caso da relativa de S.

Considerando a proposta de relativização por alçamento de Kayne (1994) para as relativas-wh, as relativas resumptivas produzidas por mercadores do século XVIII em (10a), (13) e (19) teriam a estrutura em (27a), (27b) e (27c), respectivamente.

- (27) a. [_{DP} o [_{CP} [_{DP} vendedor_k [_{DP} que t_k]]]_i [_{CP} C [_{IP} ele_i lhe dirá o meu modo de viver]]]]
 b. [_{DP} o [_{CP} [_{DP} Pacote das Cartas_k [_{DP} que t_k]]]_i [_{CP} C [_{IP} o_i fazem [sahir ...]]]]
 c. [_{DP} o [_{CP} [_{DP} carregado de sua conta_k [_{DP} que t_k]]]_i [_{CP} C [_{IP} fico diligenciando a sua_i venda]]]]

De que maneira a mudança da relativa resumptiva se deu em PB é o que procuro discutir ao propor a hipótese número 2, que será analisada na subseção a seguir.

Reanálise da estrutura subjacente da relativa resumptiva em PB

Assumindo que a relativa cortadora tem a estrutura de LD como estrutura subjacente, levanto a hipótese de que essa relativa como *input* levou a criança a uma reanálise da relativa resumptiva, aproximando a estrutura subjacente desta da estrutura da relativa cortadora.

Uma situação de mudança hipotetizada por Kato (1993, p. 256) corrobora essa hipótese. Segundo a autora, o genitivo *seu/sua*, assim como os clíticos, admite alternante nulo, ao lado do pronome regido por preposição (cf. (28))

- (28) a. *João*_i disse que *seu*_i *pai* anda doente.
b. *João*_i disse que *o pai dele*_i anda doente.
c. *João*_i disse que *o [ø]*_i *pai* anda doente. (KATO, 1993, p. 246)

Kato (1993, p. 251-252) explica que, quando o paradigma apresenta prossintagmas nulos, o *input* sintático que contém tais prossintagmas torna-se passível de ser analisado como produto de duas gramáticas diferentes. Assim, a categoria vazia em (28c) que é a representação de um constituinte nulo membro do paradigma (*meu, teu/seu, ø*) para uma geração, pode ser reanalisada por uma nova geração como um constituinte nulo no interior do NP (*pai ø (= de João/dele)*), com as mesmas características do constituinte vazio da relativa cortadora com PP complemento de verbo. A representação paralela a (28c), internalizada pela nova geração, seria (29).

- (29) *João*_i disse que *o pai [ø = de João (dele)]*_i anda doente. (KATO, 1993, p. 252)

De acordo com a hipótese deste estudo, um processo semelhante a esse ocorreu com a relativa cortadora tomada como *input* por uma nova geração, no decurso de sua aquisição da linguagem. Tal processo de reanálise da categoria vazia dessa relativa implicou reanálise da estrutura subjacente da relativa resumptiva, que foi associada à cortadora.

Então, sendo o constituinte vazio da relativa cortadora de OI, Obl e G um PP = *pro*, o preenchimento fonético desse constituinte, quando se realiza uma relativa resumptiva, pode ser reanalisado como P + *expressão-R* ou P + *pronome tônico*. Se esse processo ocorreu, de fato,

a relativa resumptiva foi associada completamente à relativa cortadora e a estrutura subjacente da relativa resumptiva foi reanalisada como estrutura de LD. Assim:

(30) à relativa cortadora:

- a. $[_{DP} \text{ o } [_{CP} [_{DP} \text{ menino}_k [_{DP} \text{ que } t_k]]_i [_{CP} C [_{LD} t_i [_{IP} \text{ o pai } pro_i \text{ anda doente}]]]]]]...$

foi associada a relativa resumptiva, que ganhou a estrutura:

- b. $[_{DP} \text{ o } [_{CP} [_{DP} \text{ menino}_k [_{DP} \text{ que } t_k]]_i [_{CP} C [_{LD} t_i [_{IP} \text{ o pai dele}_i \text{ anda doente}]]]]]]...$

no lugar da estrutura sem LD:

- c. $[_{DP} \text{ o } [_{CP} [_{DP} \text{ menino}_k [_{DP} \text{ que } t_k]]_i [_{CP} C [_{IP} \text{ seu}_i \text{ pai anda doente}]]]]]]...;$

(31) à relativa cortadora:

- a. $[_{DP} \text{ o } [_{CP} [_{DP} \text{ homem}_k [_{DP} \text{ que } t_k]]_i [_{CP} C [_{LD} t_i [_{IP} \text{ aquela moça deu uma bofetada } pro_i]]]]]]]...$

foi associada a resumptiva, que ganhou a estrutura:

- b. $[_{DP} \text{ o } [_{CP} [_{DP} \text{ homem}_k [_{DP} \text{ que } t_k]]_i [_{CP} C [_{LD} t_i [_{IP} \text{ aquela moça deu uma bofetada nele}_i]]]]]]]...$

no lugar da estrutura sem LD:

- c. $[_{DP} \text{ o } [_{CP} [_{DP} \text{ homem}_k [_{DP} \text{ que } t_k]]_i [_{CP} C [_{IP} \text{ aquela moça deu-lhe}_i \text{ uma bofetada }]]]]]]]...$

No caso da relativa de Obl, em que já ocorria um PP e não um clítico ou um possessivo como pronome resumptivo, a categoria vazia da cortadora foi também associada à possibilidade de preenchimento por um PP, modificando, de qualquer forma, a estrutura subjacente da resumptiva, em conformidade com o paradigma que se formava. Dessa maneira:

(32) à relativa cortadora:

- a. Há $[_{DP} D [_{CP} [_{DP} \text{ clientes bons}_k [_{DP} \text{ que } t_k]]_i [_{CP} C [_{LD} t_i [_{IP} \text{ a gente já está habituado a trabalhar } pro_i]]]]]]$

foi associada a relativa resumptiva, que ganhou a estrutura:

- b. Há $[_{DP} D [_{CP} [_{DP} \text{ clientes bons}_k [_{DP} \text{ que } t_k]]_i [_{CP} C [_{LD} t_i [_{IP} \text{ a gente já está habituado a trabalhar } com \text{ ele}_i]]]]]]$

no lugar da estrutura sem LD:

- c. Há [_{DP} D [_{CP} [_{DP} *clientes bons*_k [_{DP} que t_k]]_i] [_{CP} C [_{IP} a gente já está habituado a trabalhar *com ele*_i]]

Na posição de OD, podemos ter uma categoria vazia, que é um *pro* = DP, ou um vestígio de movimento. Independentemente dessa ambiguidade estrutural, a associação da relativa resumptiva à estrutura da relativa cortadora, levou a nova geração à construção de um novo paradigma para as relativas resumptivas, substituindo também a relativa de OD sem LD pela relativa com LD. Nessa mudança, o pronome resumptivo em relativas de OD não será mais um clítico devido às alterações no sistema pronominal. Isto acabou por promover um alinhamento dos pronomes: todas as posições sintáticas passaram a comportar as formas *ele/ela* como pronome resumptivo. Dessa forma:

(33) a resumptiva de OD sem LD:

- a. ... são [_{DP} D [_{CP} [_{DP} projetos_k [_{DP} que t_k]]_i] [_{CP} C [_{IP} aqui se limitam a pô-los_i em prática]]].

foi substituída pela resumptiva de OD com LD:

- b. ... são [_{DP} D [_{CP} [_{DP} projetos_k [_{DP} que t_k]]_i] [_{CP} C [_{LD} t_i [_{IP} aqui se limitam a por eles_i em prática]]].

Por fim, no caso da relativa de sujeito, a associação da resumptiva ocorreu com a construção de tópico, completando o novo paradigma das relativas resumptivas. Assim:

(34) a resumptiva de S sem Top:

- a. ... [_{DP} essa [_{CP} [_{DP} moça_k [_{DP} que t_k]]_i] [_{CP} C [_{IP} você disse [_{CP} que [_{IP} ela_i é bonita]]]]]

foi substituída pela relativa resumptiva de sujeito com estrutura de Top:

- b. ... [_{DP} essa [_{CP} [_{DP} moça_k [_{DP} que t_k]]_i] [_{CP} C [_{Top} t_i [_{IP} você disse [_{CP} que [_{IP} ela_i é bonita]]]]]]]

Considerações finais

A discussão em torno das hipóteses defendidas neste estudo indica que duas estruturas distintas subjacentes à relativa resumptiva correspon-

dem a dois períodos históricos do PB. Assim, concluo que a relativa resumptiva que conhecemos hoje, como falantes do PB contemporâneo, tem como base sentencial a construção de LD (como propõem KATO, 1993 e KATO; NUNES, 2009), a mesma base sentencial das relativas cortadoras; e um tipo de relativa resumptiva sem construção de LD vigorou em PB, de acordo com a hipótese aqui defendida, até a segunda metade do século XIX, aproximadamente.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella C. Relative acquisition and linguistic change in Brazilian Portuguese. *Revista do Gel*. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 61-84, 2009.

ABSTRACT: *The present research focuses on the change of the BP (Brazilian Portuguese) relativization system verified by Tarallo (1983). Based on empirical evidence, I try to prove the hypothesis that changes on the PB pronominal system that happened in the XIX century reached the resumptive relative. In favor of this hypothesis the analyzed corpora show that: a) although the resumptive strategy keeps a marginal frequency from the XVIII century to the XX century, there was an increase of the resumptive strategy frequency in the last century; and b) changes in the BP pronominal system show relations to changes found in the resumptive strategy.*

KEYWORDS: *Brazilian Portuguese. Language Acquisition. Linguistic Change. PP-Chopping Relatives. Resumptive Relatives. Generative Theory.*

Referências

CERQUEIRA, V. C. A forma genitiva “dele” e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.) **Português Brasileiro**. Uma Viagem Diacrônica, Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 129-162.

CORRÊA, V. R. **Oração Relativa:** o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. 1998. 164p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

FERREIRA, M. B. **Argumentos nulos em português brasileiro**. 2000. 113p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A Posição Sujeito em Português Brasileiro:** Frases Finitas e Infinitivas. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. 201p.

GALVES, C. A Sintaxe de português brasileiro. In: GALVES, C. (Org.) **Ensaio sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 43-60. (publicado também em 1986)

_____. O objeto nulo e a estrutura da sentença em português brasileiro. In: GALVES, C. (Org.) **Ensaio sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 73-96. (publicado também em 1989)

_____. A sintaxe pronominal do português brasileiro e a tipologia dos pronomes. In: GALVES, C. (Org.) **Ensaio sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 153-176. (publicado também em 1997)

KATO, M. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). **Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-261.

_____. Pronomes fortes e fracos na sintaxe do português brasileiro. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Coimbra, v. XXIV, p.101-122, 2002.

KATO, M.; NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (Org.) **Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2009. p. 93-120.

KAYNE, R. S. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1994. 186p.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português** – uma análise baseada no modelo raising. 2002. 145p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

LI, C.; THOMPSON, S.. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. (Ed.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976. p.457-461.

MOLLICA, M. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. In: PAIVA, M; DUARTE, M. (Orgs.) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 129-138.

PONTES, E. **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987. 169p.

ROSS, John R. **Constraints on Variables in Syntax**. 1967. 523p. Tese (Doutorado em Linguística) — Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1967.

SALLES, H. **Prepositions and the Syntax of Complementation**. 1997[S.P]. Tese. (Doutorado em Linguistics) - University of Wales, Bangor, 1997.

_____. **Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português.** Brasília: Editora da UnB, 1999. Disponível na Internet via hsalles@unb.br.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese.** 1983. 273p. Tese (Doutorado em Filosofia) — University of Pennsylvania, Pennsylvania, Philadelphia, 1983.